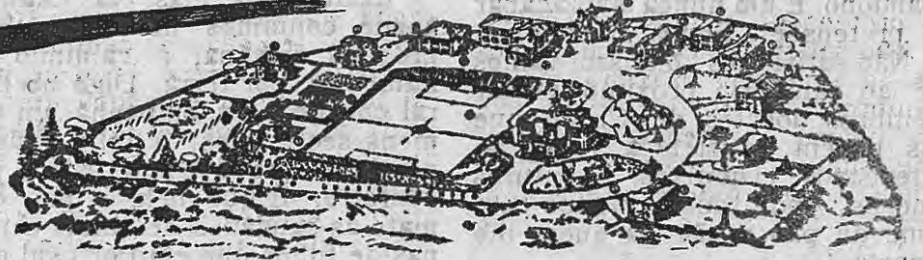




O Gaiato



Visado pela
 Comissáo de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO IX N.º 227 PREÇO 1\$00

Património dos Pobres

Saibam todos quantos esta leme que hoje existe uma epígrafe assim, no conta-correntes do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa. É verdade; encontra-se ali e também no livro de cheques que na maré se pediu, consta o mesmo **Património dos Pobres**. Nós não poderíamos ter jamais um tal volume de dinheiro na conta da Casa do Gaiato. É contra os nossos princípios. Temos de ter, sim, uns milhares de escudos para responder prontamente às nossas responsabilidades. Não podemos ter dívidas. Nunca as tivemos. Nunca as havemos de ter. **Porém**, deste salutar conceito aos grandes depósitos, vai um mundo que não é o nosso e no qual jamais poderíamos viver. Não é clima de pobres. Por isso mesmo na semana passada o Júlio foi ao Porto e depositou mil contos. Eu podia-me calar e gemer e fingir e tudo o mais que é costume fazer-se em casos e com obras semelhantes. Poderia duvidar de futuros donativos, uma vez declarada a posse de uma tão importante soma. Mas não. Eu amo a verdade. Gosto da transparência. Quero espalhar alegria. Varrer dúvidas do meu espírito. Assentar na confiança. Estão mil contos no Banco. Esta notícia não vai perturbar a marcha de futuras e grandes contribuições, proquê, veja-se o **agora** deste número. Isto é já o milagre da verdade. Ao contrário do que seria de esperar, o conhecimento

franco daquela quantia, inspira nas almas o desejo de a tornar maior! É assim a verdade. Quem a segue não anda nas trevas.

Aquele milhão de escudos não me mete medo. Não lhe chamo dinheiro manente. Não está ali para render. Não é capital. Os mil contos são o penhor de uma obra em marcha. Nesta data, encontram-se nada menos de catorze casas em vias de construção. Enquanto elas sobem, os operários têm caldo e pão garantidos. Também é verdade que no momento em que escrevo e há muitos meses atrás, se não fora o movimento das casas, eles não tinham pão nem caldo... A estas catorze, seguem-se imediatamente outras tantas. E outras e outras e outras. Ora é por isso mesmo que eu não tenho medo do depósito em questão. A actividade do Património causa a sua diminuição, e quando chegarmos ao fim, aparece novo milhão. O Júlio, que foi comigo à África, compreende a nossa doutrina. Quando em Luanda e já a caminho de Lisboa, como alguém nos tivesse dito para irmos a tal terra colher donativos, ele respondeu: *vamo-nos mas é embora que quanto mais dinheiro levarmos mais trabalho temos*. Está certo.

Entrou este título adorável nos livros do Banco Espírito Santo: **Património dos Pobres**. Não é uma firma. Não é um indivíduo. Não é nada deste mundo. É um hino do amor do próximo! Era bonito. Ficaria bem aos Directores do Banco levantarem-se, tirar o chapéu e dar uma dúzia de casas para o Património dos Pobres; elas são a doze contos. Talvez eles considerem. Se alguém tiver a curiosidade de marcar este sítio a lápis encarnado e fazer que tudo chegue às suas mãos, talvez eles meditem. As casas de Pobres são a urgência dos nossos tempos; são o desespero. Não admira que elas causem um milagre... Eu gostava. Eu gostaria, mais por eles, Directores, do que verdadeiramente pelos Pobres. Porquê? Porque estes têm a sua salvação mais próxima e os ricos não. E preciso haver no mundo quem tenha pena e use de muita caridade para com eles, ricos. É preciso que eles vejam e que compreendam e que não vão enganados até ao fim. De que lhes serve? A quem aproveitam as transacções e negócios se no fim se perdem? Aonde vão eles bater? Aonde fazer trocas? E como salvar-se, se durante a vida nunca salvaram ninguém? Vale a pena meditar estas verdades eternas! Haja alguém que sublinhe e que mande. Festeje-se cristãmente o novo e singular título ora nos livros do Banco: **Património dos Pobres**.

AQUI, LISBOA!

Devolvido a quem de direito o leme da barca, volto contente ao meu posto de remador. Remar... Missão de responsabilidade, mas de igual urgência nestes tempos de ventos e marés contrárias.

Cá estamos de novo a repartir pelos nossos amigos Lisboaetas, as alegrias e tristezas que a eles, mais do que a ninguém, interessam.

Começo por agradecer o zelo e dedicação com que o Eng. Galambá se houve na orientação desta Casa. Entre os Rapazes é unânime o coro de louvores e saudade, porque se fez amar. Em educação, isto é essencial. Sem amor, reina a opressão e a revolta. Em ordem as contas, os trabalhos das Colónias de Férias, das Casas do Património, e do Casal Agrícola. Deixou uma lista de pobres que visitava sem descurar os das curraleiras. Não exigisse o Direito Canónico mais dois anos de estudo, que nós já o dávamos por distinto nos conhecimentos sociais que giram à volta da salvação dos nossos irmãos Pobres.

Passando aos Rapazes, venho encontrar menos três que andam fugitivos. Tivessem eles ambiente familiar, lá por onde andam, que não nos afligiria a sua perda. A fome há-de trazê-los como trouxe outros, agora de pedra e cal.

Nem por isso estão vagos os seus lugares: outros vítimas da morte, abandono e desvario das pais vieram ocupá-los. Tugúrio, cadeia e cemitério — é o triângulo de residência obrigatória dos ascendentes destes nossos pupilos.

Sobre a nossa mesa de trabalho, uma mão cheia de postais. São de pessoas amigas que nos enviam nota de casas disponíveis para o almejado Lar. Todas, mesmo as

que nos indicam casas em Sintra... revelam interesse pela expansão da Obra. E lá vamos nós pormo-nos em campo a espreitar os papelinhos colados nas janelas. Tantos e tais topamos por essas ruas e becos, que temos na cabeça um tratado de conhecimentos urbanos. Quem quiser saber de casas em venda e de renda, desde trinta contos por mês, ao mais miserável tugúrio, que apareça nas nossas horas vagas...

Casa independente, apropriada ao que pretendíamos, é que nada. Por isso tivemos de aplanar as nossas aspirações e limitar-nos a um andarinho, algures.

Guiados por um dos ditos postais viemos a optar pelo rés do-chão, dum prédio da Avenida Defensores de Chaves, onde dentro em pouco, teremos muita honra em receber os nossos presados «sócios».

São dois contos de reis que vencem ao fim de trinta dias menos em Fevereiro que é aos vinte e oito. O negócio não é mau.

Vai uma dúzia de rapazes. Aqueles a quem fizemos doer a cabeça, que a apertem. São só doze horas por noite, que de dia estão no emprego. Pior estamos nós que, por aqui, ouvimos os cento e dez, nas vinte e quatro horas do dia. E não é tudo. É o trabucar dos pedreiros a ultimar a vacaria, dos carpinteiros a aplainar portas e janelas, dos serralheiros a malhar em ferro em brasa, dos trochas a levantar duas casas do património, e dos sapateiros a bater sola. Depois são os pobres a bater à porta para que seja para eles a casa que está em construção, e outros que nos vêm apresentar crianças que andam por lá ao

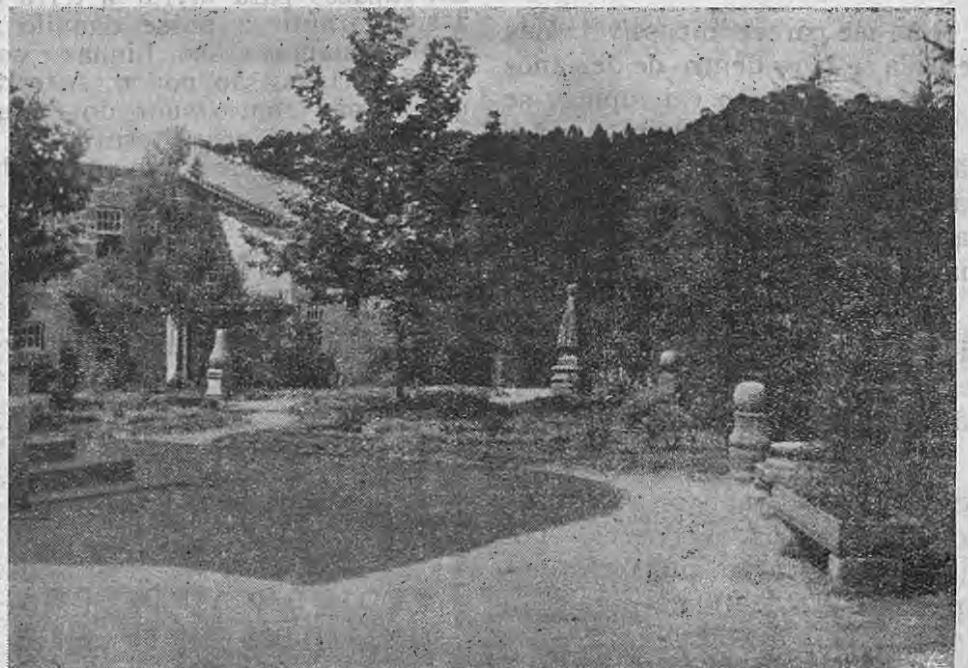
(CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA)

OS NOSSOS LIVROS

Já podemos aflançar que **O Barredo** vai ser o livro do Natal; presente do Natal. Os dobradores andam com a penúltima folha. Os impressores já acabaram a derradeira. A capa entrou no prelo. Que mais? Mais nada.

Outra colsa. O postal a dizer do segundo volume do **Isto é a Casa do Gaiato**, anda por lá. O Manuel Pinto começou a expedir. Aos que deram 100\$00 pelo primeiro, entende-se que o segundo está pago, assim como o futuro **Barredo**. Por isso, se porventura recebem o postal, queiram fazer o obséquio de o não tomar em conta, devolvê-lo e chamar-lhe uma **Manelice**.

Tanto não se diz dos atrasadinhos.



Versailles? Não. Hyde Park? Também não. Então quê? A Casa do Gaiato.

Aqui, Lisboa! *Continuação da página anterior*

abandono. É um nunca mais acabar de pretensões. Somos remadores.

Não satisfeitos com isso, vamos até ao sanatório próximo visitar membros doentes de Cristo que nos pedem assistência religiosa, catecismos, crucifixos, e leituras amenas. Anda todo o mundo com fome de pão e não há quem lho reparta.

E finalmente as curreleiras. Comecei pela Cascalheira. Já aqui foi dito da ordem de destroçar. Fui ver se tinha sido executada. Muito bem: não ficou lata sobre lata. O naufrágio de Sepúlveda que eu lia, nos meus tempos de escola, não me deixou mais sensibilizado. Uma desolação! Há por ali uma dezena de agregados familiares que se não conformam com a retirada. Encostam-se aos muros, aos sucacos e a velhas caves abobadadas. As furnas foram reocupadas. Duma delas saía um homem com o filho pela mão. Mostra-me os pulsos da criança, inchados pelo reumatismo contraído em noites frias e húmidas, ali debaixo da terra. Uma infeliz viuva, surda, teima em não se arredar da manta onde se enrola, encostada a um taipal.

Pergunto-lhe ao ouvido o nome da sua terra natal e ela responde que ali lhe tinha morrido o marido e dois filhos. Tinha ouvido o que o coração ditava e não o que lhe perguntava.

Solução? Ninguém a descortina. A mim parece-me bem simples: dar condições de vida a esta gente, na terra onde nasceu.

Se há milhões para manter a paz e mais milhões para fomentar indústrias, também se poderão arranjar uns milharzitos para acudir às quinze mil famílias que, segundo as estatísticas vivem em Lisboa, sem lar próprio. Com um bom inquérito, o Governo viria a constatar que metade destas famílias ainda têm, na própria terra, um cantinho onde viver remediadamente. Esta era a primeira limpeza. Depois fechavam-se as portas da capital ao enxurro da província. E restava solucionar a situação das sete mil e quinhentas restantes.

Partindo do princípio que cada casa custaria vinte contos, era preciso uma verba de 150.000 contos, a aplicar num plano de dez anos, ou sejam quinze mil contos por ano.

Não me parece impossível. Mas se nada se fizer dentro de dez anos o número primitivo vai duplicar-se e então resta-nos apertar as mãos na cabeça, porque, trinta mil famílias deslocadas, é o flagelo de catastróficas consequências sociais.

Berrei novamente à pobre viuva pela sua terra natal. Consegui saber que era de Pescaneco, da Pampilhosa da Serra.

Se houver alguém em Pescaneco que queira aplicar a doutrina do «Património dos Pobres» nós ajudamos. Ficarão ainda nas curreleiras 14.999 famílias.

É assim que se começa. Nós temos que remar!

Padre Adriano

AO MICROFONE **Agora**

Estamos há dias em Luanda, aonde contamos demorar até à próxima semana, a caminho da Zambézia, por terra. Digo no plural porque me acompanha um dos meus secretários, o Júlio. Não é por luxo que o trago. Não é por conforto. É que nele e por ele, mato as saudades de tantas centenas de filhos que em Portugal deixei. É só por isto.

Luanda, ao que vejo, é uma cidade que foge. Cidade que progride. Cidade a fazer-se. Aqui resiste-se à inércia. Oxalá ela saiba repartir e tenha meios de dar trabalho e comida a todos quantos batam às suas portas.

Estamos há dois dias no meio de vós. A menos que eu o diga, ninguém sabe ao que verdadeiramente venho, por isso vou dizer. Em primeiro lugar, é dar testemunho a todos os mortais de Cristo Ressuscitado, vivo, presente e exigente. Segundo, agradecer pessoalmente ao Governador Geral da Província a felicíssima notícia que chegou às minhas mãos de que ele faria todo o possível por promover a colocação de todo o rapaz da nossa Obra, indicado por mim e apresentado pelo Ministro do Ultramar. Além de alguns que já ganham aqui a sua vida, em virtude daquela promessa, veio um outro comigo no paquete «Quanza». É carpinteiro. Já se encontra a trabalhar.

Só eu sei dizer ao que vim. Só eu sinto a necessidade de agradecer superiormente; porque só eu me aflijo com a sorte destes meus filhos, que já não devem ficar em casa depois dos 20 anos de idade e eu, como pai que sou de cada um, tenho de os ajudar até ao fim. Ora Portugal continente, está esgotado. Não oferece empregos. Não posso garantir-lhes o nível de vida a que estão afeitos na Casa do Gaiato; nas nossas casas. E eu tenho medo que eles regressem. Tenho medo que eles tornem ao lixo de onde vieram. Por isso vim de tão longe nesta romagem de gratidão.

Connosco, de Lisboa, veio uma missão de engenheiros hidráulicos, todos eles moços com desejos de trabalhar e dar água às margens secas do Cunene. Sente-se nos olhos deles o sentido duma realização imediata. Eu não posso esconder a minha alegria. Eu sinto-me participante. Eu quero mandar rapazes para lavrar a terra e assim garantir a posse daquilo a que chamamos nosso. Linhas e cores de mapas, são pouco. A terra que dá pão com o suor do rosto, essa é que é a nossa terra.

Dizem os livros que em cada

«BARREDO»

A SAIR BREVEMENTE

O LIVRO QUE
TODOS DEVEM
ADQUIRIR

PEDIDOS Á EDITORA
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

10 anos vem bater à nossa porta um milhão de portugueses, mandados pelo próprio Deus. Que lhes vamos fazer? Aceitá-los. Pôr-lhes a mesa. Nós somos todos do Pai Celeste, porque cristãos. Por isso a água que dermos à terra vai-se transformar em pão. Os rapazes da nossa Obra não-de vir aqui fabricá-lo.

Nós temos duas extensas e formosas quintas em Portugal; uma ao pé de Lisboa e outra perto do Porto. Nesta, de Paço de Sousa, temos hoje um grande número de rapazes que semeiam e cultivam e colhem e tratam dos gados e da horta e dos jardins. A esses vou pregar. A esses vou dizer das possibilidades. E a seu tempo hei-de mandar alguns dos mais bem formados. Um de cada vez. Que uns se preparem para chamar os outros e assim, por unidades, formem a ponte. As multidões são um engano. As multidões mentem.

Eu vou pedir ao Sr. Governador que me ajude a abrir aqui uma residência; por melhor direi um Lar, semelhante aos que já temos hoje em várias cidades de Portugal. E assim como ali os nossos rapazes têm dado provas e se governam em família, assim também aqui. Sei o que digo. Afirmo. Tenho confiança nos meus.

Mas eu também venho com outro sentido. Eu trago a mensagem do «Património dos Pobres». Que vem a ser isto? Uma palavra celeste que Deus implantou no meu peito. Começamos em Abril do ano passado. A data da minha partida de Lisboa, eram 32 as casas do «Património» já habitadas e deixei 10 delas em construção. Elas são à beira das estradas, na orla dos caminhos, no meio dos campos, nas fraldas dos montes; por toda a parte aonde nos dêm uma nesga de terra. São destinadas aos habitantes das tocas e dos currais. Em todas elas aparece numa pedra saliente, a formosa divisa «Património dos Pobres». Nunca se viu isto em Portugal! É uma palavra nova fundada nas verdades eternas. Os Pobres têm hoje quem os defenda. Cada casa fica à roda de 12 contos. Tendo revisto o meu livro antes de embarcar, notei 32 dúzias de contos registados. Ofertas de mãos particulares. Aqui em Luanda, já tive uma oferta semelhante. Alguém que eu não conheço, encontra-me na rua e entrega-me 12 contos para uma casa. Fê-lo com tanta discriminação que a sua mão esquerda não viu o que a direita fez! Assim ensina o Mestre. Assim é o Evangelho. Ora estarei no meio de vós até à próxima semana. Eu não acredito que o povo de Luanda me deixe ir embora sem uma dúzia de casas. Forma agora o teu propósito. Dá daquilo que te faz falta. Esconde a mão. Não há no mundo outra expressão, nem outra linguagem, nem outra maneira de cada um dizer e provar e chamar-se *discípulo de Cristo*. Eu não acredito que não tenha ouvintes vivos a esta minha palestra de agora. Eu não quero que permaneças na morte por não saberes amar. Não acredito. E se depois destas minhas palavras de sangue, não houver quem acorde, vou-me embora triste. Triste por vós. Triste pelo vosso conceito e ignorância das coisas celestes.

Alguém, no Porto, entrega na rua ao Avelino 500\$; e aqui vai o dinheiro, mai-la confiança do Desconhecido e a fidelidade do rapaz. Tudo isto é bom material para construir casas de pobres.

Imediatamente a seguir, enfileira este senhor, que também é do Porto:

«Ajudado por Deus tem-me a vida corrido razoavelmente, com a possibilidade de amealhar um pouco do que sobra para o sustento, modesto embora, dos meus.

Por isso, há muito tempo, decidi ir dando para o «Património dos Pobres» o bastante para que V. mande edificar uma casinha.

Os meses porém foram passando e por descuido, a entrega do primeiro óbulo, vai-se retardando, ficando só na intenção, com o que, nem os pobres lucraram nem eu tão pouco.

Sucede agora, meu padre, que me vejo, sem querer, envolvido em coisas que podem obrigar a minha vida a dar uma grande volta.

Ora se Deus quiser que assim seja, as minhas forças ver-se-ão bastante diminuídas, donde resultará maior dificuldade em cumprir a promessa feita.

É por isso que envio agora 1.000\$00.

Mais material. Que simplicidade! Que beleza! Porquê? É um cristão a falar. Eis. Toda a poesia, toda a arte, toda a literatura, toda a obra; tudo quanto seja inspirado conhecimento e amor a Cristo, tudo é necessariamente belo. Ao lado deste e também do Porto, segue aquele grupo que costuma deixar as suas oferendas no *Espelho da Moda*; e quantas e que formosas! Uma pequenina amostra: 2 contos para uma casinha tirados ao meu ordenado em férias. Coimbra vai com um prego de 30\$. Vila Nova de Cerveira faz na mesma. Braga também responde com 20\$. Caramulo 50\$. Barcelos leva um colchão, 100\$. Angra do Heroísmo atravessa o mar e apresenta-se com 50\$. Chamusca 20\$. Um doente do hospital manda 50\$. Rio Tinto dobra. Um sacerdote vai aqui 300\$. Chaves vem lá de ao pé de Espinho com pouco menos,—250\$. A seguir, um senhor do Porto, (sempre o Porto!) dá 6 contos, metade da casa 14 irmãos.

Muita atenção. Olhem todos e vejam uma casa do Alentejo, recordação do meu bom marido e uma casa do Ribatejo, recordação do meu saudoso pai. Não são as casas. Elas, na verdade, representam, mas não são a dor e o afecto e a piedade. Ora estes sentimentos da alma é que são.

Eu tenho como doutrina certa que aonde houver alguém sem uma casa, algures, existe um outro alguém com vontade de a oferecer. Então que é que falta? Não falta nada. É só haver quem sinta e pregue nos altares esta grande aflição. Nem se diga, como eu tenho ouvido, que isto não são coisas que se levem para o altar. São sim senhor. Isto é doutrina e da melhor. É mesmo por ela que nós somos julgados. Todos. O Justo Juiz articula pelas obras de misericórdia. De que vale esconder? A quem presta fazer poeira? Porque é que se não diz toda a verdade? Ou já não é ela quem nos liberta!

UMA CARTA

«Tenho aqui um casal de paroquianos extremamente pobres, que estão a viver numa loja térrea, paredes meias com uma corte de suínos; loja essa que lhes foi cedida por esmola, para não ficarem ao relento da noite.»

Cartas semelhantes de terras diferentes, dão aqui todos os dias. São párocos que devem ao nosso bom Deus a graça de se afligirem com o mal do próximo. A todos damos uma só resposta: que falem do altar abaixo. Que interessem todos os que podem. Que comecem a construir quanto antes segundo a norma do «Património dos Pobres»; e nós suprimos. Eis.

Nós pudéramos ter feito do *Património* uma natural extensão da Casa do Galato, construindo à beira destas, casinhas aonde os pobres

morassem e chamar a umas e outras a *Nossa Obra*. Era uma coisa natural. De muitas maneiras se alimenta a ambição. A glória, mesmo que seja vã, é do agrado dos homens. Ela é mesmo uma das suas muitas fraquezas.

Pudera sim senhor. Mas Deus quis dar-me outros amores. Tirou-me da vulgaridade e mostrou-me a beleza da Igreja de Cristo.

Ora foi precisamente nesta luz que eu compreendi e renunciei. Disse ao Padre Adriano e ele concordou. Fazemos entrega das casas aos párocos e desta sorte, o «Património dos Pobres» é hoje uma *Obra da Igreja*. A sua expansão havia naturalmente de dar-se, não cuidando eu nunca que fosse tanta e tão depressa! E mais nós não sabemos nada do que está a despertar na inteligência e nos corações dos sacerdotes de todas as dioceses de Portugal! Quantos sonhos! Quem sabe se Deus do Céu lhes não manda um anjo a pregar os sofrimentos e o desconforto e a perene tristeza dos desabrigados! Até pode acontecer que o nome do Padre Américo a tal ponto se venha a confundir com os mais, que não haja de haver razões, no futuro, para o apontar a dedo. Pode acontecer.

Entregamos à Igreja a causa dos Pobres. Não há melhores clientes. Não pode existir um mais perfeito advogado.

Eu amo a Igreja pelo que ela é. Amo a Igreja por via da Pessoa adorável de Cristo, o seu fundador. Ela é obra totalmente Dele. A ela se deu. Por ela morreu. Nela salva o mundo. Nós confiamos à Igreja o «Património dos Pobres», sim. A sua catolicidade, não distingue paróquias. Não distingue dioceses. Tão pouco as nações. De onde quer que racional e justificadamente nos chamem, nós lá estamos para suprir. É assim que eu entendo uma Obra da Igreja. Tudo o mais é sacristia.

Casas para Pobres

Com este título traz «A Folha» de Alpedrinha de 24 d'Outubro passado esta deliciosa notícia.

É a voz do Pároco:

«No lugar do Outeiro acabam de ser construídas duas casas e outra anda já em construção, facto este que merece uma especial referência pelo processo de que essas casas são construídas. São pobres que fazem estas casas. É-lhes dado o terrado e a pedra que se corta no mesmo local, são-lhes dadas vigas e alguns pinheiros para madeiras, e as pessoas de família e amigas dão também ajuda com uns dias de serviço. E assim aqueles pobres, fazendo um esforço de boa vontade, conseguem a maior riqueza que um pobre pode ambicionar na vida — uma casinha pequenina a que chame a sua casa.»

Como este, de Alpedrinha, quantos por aí além não fazem sua a maior angústia dos nossos tempos, quantos! E tratam de construir ou estimular a construção de casas decentes para uma vida decente. Sem o conhecer pessoalmente, aqui, de onde estou, beijo as mãos deste sacerdote. Se nós todos quizessemos, iamós muito longe; com o valioso auxílio do Governo, os párocos das freguesias, cada um na sua, podiam re-

TUBUNA DE COIMBRA

Casas para Pobres—É hoje a palavra que anda na boca e no coração de todos os Portugueses e até estrangeiros. É uma palavra completa e revolucionária. Na África, pela boca do Pregoeiro desta nova modalidade da Doutrina Cristã foi um assombro. Por aqui continua a alastrar a passos largos.

Na véspera da chegada do Sr. P.º Américo tivemos de pedir dinheiro emprestado para a viagem a Lisboa. Passando pela Baixa de Coimbra entramos num estabelecimento e encontramos:

«Agora—Uma Casa 12.000\$00. Para já, como não é possível ter uma casa minha, fica-me a consolação de ter oferecido uma à Obra do P.º Américo. Se pudesse ser, gostava que no próximo Natal, ela já fosse habitada. Deseja muitas felicidades e saúde a todos os gaiatos, e obreiros da «Obra da Rua». Um admirador.»

As Casas para Pobres resolvem tudo. Tenho pena de não poder dar o gosto a este Senhor com a sua casinha pronta no Natal, mas espero dar-lha na Páscoa.

Andamos agora a conluir as duas que têm dado muito trabalho e muito que falar. Ficam um nadinha mais caras: quarenta contos. São dois palácios, como diz o povo.

É tudo oferta duma alma grande. Ficam as suas «Alminhas» que serão alumiadas todas as noites, conforme o voto pio do oferente. Costumes tão portugueses!

Hoje, ao chegarmos, tivemos a grande consolação de encontrar quatro painéis em azulejo para as ditas casas e uma carta a dizer: «Valor da factura.

Oferta das Fábricas Aleluia — Aveiro.»

Vieram cinquenta por um vendedor; e mais 150\$00; e cem dum apaixonado que chegou à conclusão que o seu lugar não era no Seminário. A Casa de meu Pai tem muitas mansões. Vinte para uma telha, a um vendedor; uns brinco e uma aliança em ouro e 20\$00 duma filha, que eram da mãe. Agora são dos Pobres, que são bons herdeiros. Vinte no Castelo da Sofia; noventa para compra de algumas telhas e desejo que a Obra da Rua dê uma casa a todos os pobres mais necessitados.

É isto mesmo o que nós queremos. A seguir a estas duas que serão acabadas brevemente e entregues no Natal, a Conferência dos homens, vai fazer também uma. Aqui em Miranda ficam sete. O problema das casas para Indigentes fica quase resolvido.

Queremos partir para outras

solver, aliviar o fardo desnecessário e imerecido dos sem casa.

Quem sabe se a chama do *Património dos Pobres* não virá a provocar o maior incêndio dos nossos tempos? É quam preciosa não é esta ajuda mútua dos Pobres do lugar do Outeiro, oferecida, certamente, pelo seu Pastor, à estação da missa dominical! Que formosa doutrina do altar! Sem me sentir diminuído, eu serei menos falado, no dia em que nenhum queira ficar para trás e todos façam um lugar do Outeiro, nas suas paróquias. Que muitos já estão assim fazendo..!

terras (já assim foram os nossos maiores, deram novos mundos ao mundo). Vamos para a Lousã. Nós temos lá muitos amigos. Ali já anda a fogueira a queimar. Já foram entregar três casas ao Sr. Prior e há um lamiré de muitas mais. Faltam agora os terrenos para a construção. A Câmara não tem ali perto. Também não faz sentido que se compre. Têm que ser os particulares. É um cantinho de terreno que não deixa falta ao dono e vi tornar feliz uma com sua casinha e quin'alinho.

Em Miranda e outros lugares ao princípio também não havia terreno e hoje há um mundo deles. Há-de ser também assim na Lousã e outras terras. Dêixamos aqui a fogueira acesa e vamos atear umas e acender outras.

PADRE HORÁCIO

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

Navegávamos pela rota que outrora o Gama galgara mai-la sua esquadra. Nas conversas, a maior parte das vezes, a ordem do dia era a saudade dos Pobres. Dos nossos Pobres. A Mocha. O Sr. Dias. O João Manco. E mais outros. Todos eles. Tudo na saudade. Pois numa dessas ocasiões o Pai Américo prometeu dar um jantar aos de Paço de Sousa e outro aos de Galegos.

Cumpriu-se. No 17 de Outubro, ao meio dia, duas mesas cheias. A maior para as mulheres e a outra para os homens. Aquela era a de pedra, formosa e larga, situada no pátio da nossa cozinha. Os vicentinos serviram. Eles são os servos. O Pai Américo mai-lo Sr. Abade da freguesia comeram à mesma mesa, o mesmo caldo, o mesmo conduto e a tão apetitosa sopa seca. Tudo era bom.

Um dia inesquecível. Houve os que disseram que nunca comeram com tanta fartura. Outros, outros suspiros de satisfação. Uma das notas mais chocantes foi aquela criança sub-alimentada ao colo da avó. Mal se aproximava a travessa botava-lhe as mãos com sofreguidão. Era a fome. Depois explicaram-me: nunca comeu assim. Uma criança! Como é preciso trabalhar! Dar às mães destes inocentes a oportunidade de bem criar os seus filhos. Basta leite. As crianças precisam de leite. Isto é um problema de todos os dias. Dos primeiros, senão o primeiro, nas inúmeras aldeias de Portugal. Nas cidades já vai havendo, mas naquelas contam-se pelos dedos o número de lactários.

Ao acabar, cada qual recebeu um envelope. Quanto, nem eu sei. Receberam e meteram-no à algibeira. Por fim rezaram. Deram graças. E assim terminou a *consoladela*, como dissera a que chorava e só não se viam as lágrimas porque os óculos encobriam. Foi uma consoladela.

— Mais 20\$00 pelo feliz regresso do Senhor Padre Américo. Outros de algures. Maria A. V. Cruz ofereceu 10\$00. Um anónimo com 15\$00. De Mário Pires 20\$00. Um anónimo do Porto entregou pessoalmente 500\$00. Mais 50\$00,

(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

As reais e actuais necessidades que nós criamos mai-la forma como as resolvemos, eis o facto impressionante e responsável por este cortejo silencioso, magoado, oportuno, eficaz. Cortejo permanente. Mais 20\$ de um Polícia de Segurança Pública de Aveiro, para o que julgar mais necessário, esta migalhinha. Mais do pessoal da Estação Automática dos C. T. T. de Luanda mil escudos. A lista é de 44 nomes. Aguardei o dia de pagamento dos vencimentos, que se efectua a 25 — informa, na carta, o iniciador dos movimentos, que se mostra por A. J. A. Não deram do que lhes sobra, mas sim do que precisam! Mais 100\$ de Uma Noiva Feliz. Que seja em breve esposa, são os meus votos. Mais outro tanto de Castro Daire. Mais 10 pares de sapatinhas de Gaia. Mais a Mabor, que não esteve com meias medidas e calça o nosso Morris com sapatos e meias! Mais o Porto que não está com meias medidas e, numa factura de oito contos de ferro para a casa de Miranda, escreveu que não é nada! O Porto a dar para Coimbra! Para onde não dá o Porto?! Mais 20\$ de Perosinho. Mais de Gondola, África, 50\$ para a viuva da nota da quinzena. Mais 100\$ de Lourenço Marques. Mais 30\$ de Montemor-o-Velho. Mais 5 contos do Porto. Mais 20\$ idem. Mais 600\$ da Viuva, por alma de seu Marido. Mais de Alcanena, cabedais. Mais uma pancadaria de encomendas do Correio. Mais o Depósito a dar boas notícias diariamente. E mais nada.

